

RUTH GUIMARÃES: PERCURSOS DE UMA TRADUTORA NEGRA NO SÉCULO XX

Thiago Martins Rodrigues¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar a atuação de Ruth Guimarães como tradutora no Brasil. Neste estudo inicial, espera-se mapear as contribuições da tradutora para o cenário cultural, literário e editorial da literatura traduzida no Brasil em meados do século XX, bem como reconstituir seu papel na história da tradução no país. Para tanto, observam-se trabalhos acadêmicos disponíveis sobre a trajetória de Ruth Guimarães e também a introdução escrita pela autora para *Os melhores contos de F. Dostoiévski*. Em paralelo, consideram-se também discussões sobre o fazer tradutório e a constituição da história da tradução no Brasil baseados em questões contemporâneas, como gênero, raça e classe. Ao final, ficam problematizações sobre a importância e a validade de estudos como este, que resgatem os percursos de intelectualidades negras silenciadas ao longo do tempo.

Palavras-chave: Ruth Guimarães; Tradutora Negra; Literatura Russa.

Abstract

This article aims to investigate the work of Ruth Guimarães as a translator in Brazil. In this initial study, it is expected to map the translator's contributions to the cultural, literary, and editorial landscape of translated literature in mid-20th century Brazil, as well as to reconstruct her role in the country's translation history. To this end, the study examines available academic works on Ruth Guimarães' career, along with the introduction written by the author for *Os melhores contos de F. Dostoiévski* (F. Dostoevsky's Best Short Stories). In parallel, discussions on the practice of translation and the formation of translation history in Brazil are considered, based on contemporary issues such as gender, race, and class. Finally, the study reflects on the importance and validity of research that recovers the trajectories of Black intellectuals who have been silenced over time.

Keywords: Ruth Guimarães; Black Translator; Russian Literature.

1. Considerações iniciais

Ruth Guimarães (1920-2014) foi uma mulher negra das Letras com intensa atividade ao longo do século XX no Brasil. A partir de São Paulo — capital e interior —, Guimarães destacou-se por sua atuação em diferentes meios e com diferentes gêneros literários e jornalísticos. Na página dedicada à autora no site *Literafro*: portal de Literatura Afro-Brasileira, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), um dos maiores

¹ Doutorando e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - UFRGS. Licenciado em Letras - Português/Espanhol pela UFRGS. Professor na Educação Básica.

repositórios virtuais da literatura e da cultura negras do país, consta que “além de poeta, romancista, contista, cronista, jornalista e teatróloga, notabilizou-se como tradutora e pesquisadora da literatura oral no Brasil” (*Literafro, online*)². Seu percurso pode ser reconstruído também através da imprensa e de entrevistas concedidas por ela, como fez Silva (2022) em artigo que trata sobre a trajetória intelectual de Ruth.

Apesar disso, os estudos sobre Ruth Guimarães no meio acadêmico só recentemente começaram a ganhar mais destaque, assim como o reconhecimento de sua produção literária nos círculos mais tradicionais, como as academias literárias. Em 2008, já aos 88 anos, Ruth passou a integrar a Academia Paulista de Letras (APL), como primeira mulher negra no grupo (Silva, 2022). Em que pese as exclusões, silenciamentos e preconceitos que agremiações como essa representam, a inserção de intelectuais e de escritoras negras significam, pelo menos, tensionamentos às estruturas dominantes e algum grau de valorização do seu trabalho como agentes de nossa cultura, história e sociedade. Não obstante, essa apreciação é quase sempre tardia e envolta de embates³.

O movimento de retomada da obra da escritora, tradutora e professora paulista passa pela circulação de *Água funda*, romance de 1946. Em 2018, a Editora 34 lançou uma nova edição da obra, o que trouxe novo fôlego para a presença de Ruth no cenário da literatura brasileira: nas editoras, nas livrarias, nas universidades e nas escolas. Um dos destaques dessa nova publicação é o prefácio de Antonio Candido, um dos mais consagrados críticos literários brasileiros, que, sem dúvidas, ajudou a consagrar diversas obras e escritores em nosso dito cânone nacional. Nos últimos anos, o livro foi selecionado como leitura para os vestibulares de universidades como UFMS, USP e UFRGS, o que também incrementa seu fluxo em direção à educação básica. Além disso, desde 2020 a Faro Editorial vem lançando obras inéditas da autora, como *Contos Negros* e *Contos índios*.

Invariavelmente, Ruth tem uma trajetória que justifica novas abordagens e diálogos a partir daquilo que construiu além de escritora de literatura, ou seja como professora, articulista na imprensa e, especialmente, tradutora. Essa última será o objeto de nossa reflexão aqui, à guisa de um levantamento inicial. Ruth Guimarães formou-se na Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, quando conviveu com intelectuais, em geral homens, que ficaram bastante consagrados em nossos círculos universitários, como o próprio Antonio Candido, mas também Décio de Almeida Prado, Roger Bastide e Mário de Andrade

² Extraído de: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/434-ruth-guimaraes>>. Acesso em 06 fev. 2025.

³ Lembre-se também da candidatura de Conceição Evaristo à ABL em 2018: <<https://www.intercept.com.br/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>>.

(Silva, 2022; Miranda, 2019). Dedicou-se às Letras Clássicas e também fez cursos e pesquisas voltados para o Folclore e a Estética. A influência desses trabalhos fica bastante evidente na composição de *Água funda*, mas a atividade de Guimarães como tradutora ainda está por ser observada.

Com isso, estabelecemos como recorte as traduções de autores russos feitas por Ruth Guimarães. O objetivo do artigo, então, é investigar o contexto das suas traduções e seu papel como intelectual negra no século XX. Espera-se contribuir para a compreensão do lugar dessas produções na literatura nacional traduzida, bem como difundir as discussões sobre Ruth Guimarães, em particular no campo tradutório. Sugerindo que a figura de Guimarães e suas produções encampam uma abertura para pensar nas relações entre áreas e objetos aparentemente díspares, a composição deste texto propõe uma intersecção entre diferentes áreas que compõem as Letras: os estudos de tradução, do comparatismo, da história da literatura e das intelectualidades e autorias negras brasileiras.

2. Ruth Guimarães tradutora de Dostoiévski

A pergunta que suscita essa proposta de reflexão surge de uma afirmação feita por um dos filhos de Ruth Guimarães em uma matéria publicada no Jornal da USP. No texto de 2020, que tem como intuito publicizar o lançamento de livros inéditos de Guimarães — já mencionados aqui, *Contos Negros* e *Contos índios* —, ele afirma: “‘Ela dava aulas e ainda fazia trabalhos de tradução para a Editora Cultrix, principalmente do francês, sendo a responsável pela popularização de Dostoiévski no Brasil’”⁴. Interessa-nos examinar o papel de Ruth Guimarães, como uma intelectual negra, nessa circulação da Literatura Russa aqui.

Afora o que parece, em um primeiro momento, a alegação de um filho que defende o legado da mãe, em termos de pesquisa há diversas perguntas que se abrem diante do trecho da sua fala: a partir de que meios Ruth Guimarães pode ter popularizado a obra de Dostoiévski no Brasil? Que intenções editoriais, literárias, culturais, sociais, históricas estavam implicadas na tradução da Literatura Russa, sobretudo a partir do francês, aqui no país? Quais as possibilidades de atuação de Guimarães como tradutora — e como mulher, negra e trabalhadora em um meio elitizado — nesse processo? Sem a pretensão de esgotar tais questionamentos, consideramos essa gama de problemáticas para pensar o trabalho tradutório

⁴ Extraído de: <<https://jornal.usp.br/cultura/livros-de-ruth-guimaraes-vao-ser-relancados-neste-ano/>>. Acesso em 06 fev. 2025.

desenvolvido por ela, em particular pelo apagamento das mulheres como tradutoras e pela pertença étnico-racial, social e política de Ruth Guimarães.

No caso das traduções feitas da língua russa, um primeiro aspecto que se discute diz respeito às tensões entre tradução direta e indireta. Sobre esse aspecto e a inserção de obras russas em Língua Portuguesa no Brasil, Denise Sales refere em entrevista:

No Brasil, quando tiveram início a tradução e a publicação de obras da literatura russa no final do século XIX, prevaleciam as traduções indiretas do francês. Um marco da nova tendência, de predominância e valorização das traduções diretas, foi a primeira tradução direta do russo do romance *Crime e castigo*, de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1826-1881), feita por Paulo Bezerra e lançada pela Editora 34 em 2001. Do ponto de vista dos Estudos da Tradução, a tradução indireta é um fenômeno comum. Segundo Gideon Toury, para entender esse fenômeno, devemos nos perguntar qual é o grau de tolerância de determinada sociedade, em determinado momento histórico, em relação à tradução indireta. Ela é aceita ou não? A informação de que a tradução foi feita indiretamente tem de ser fornecida ou não? Quais línguas são consideradas fontes legítimas para a tradução indireta? No Brasil, hoje, aceitaríamos, por exemplo, traduzir do russo um romance escrito em inglês? (Branco; Magalhães, 2021, p. 21).

Ante esse contexto, Ruth Guimarães estava inserida no período em que predominavam ainda as traduções indiretas. O francês, nesse caso, figura como a língua de prestígio, que atua como a referida fonte legítima para a tradução e, ao mesmo tempo, parece haver aí também uma afirmação cultural de traduzir para o Brasil uma obra que já circula em uma língua e cultura dominantes — e, diga-se, coloniais. Ao mesmo tempo, Guimarães atuava também com traduções diretas: ela traduziu diretamente do Latim, com sua formação em Letras Clássicas, *O asno de ouro*, de Apuleio, em 1963. Assim, cabe discutir quais eram as escolhas tradutórias e editoriais feitas, e se é possível traçar uma poética da tradução de Ruth, considerando, como destacado na entrevista de Denise Sales, os caracteres editoriais, sociais e culturais daquele período histórico.

No presente, estamos diante de outra conjuntura. As traduções diretas do russo se inserem no mercado editorial brasileiro com grande valor de distinção, enquanto as indiretas parecem ter ficado como marca de um outro momento histórico. Na apresentação da sua tradução de *Escritos da casa morta*, de Dostoiévski, Paulo Bezerra (2020) destaca o que chama de “enormes diferenças” entre os textos que chegaram ao Brasil em português diretamente do russo e os que vieram mediados pelo francês ou pelo inglês. Bezerra relata quando constatou, ao cotejar traduções indiretas do francês feitas por Rachel de Queiroz, que essas diferenças — ou erros de tradução — estavam, na verdade, entre o russo e o francês, enquanto o texto em português estaria fiel ao seu original indireto. No mesmo segmento, ele conclui:

O tradutor que trabalha com o texto original é um mediador entre o leitor e o autor. Já na tradução indireta, a mediação se dá entre dois tradutores, três línguas, duas diferentes tradições tradutórias e dois diferentes códigos linguísticos. As diferenças são muitas, tanto de sentido quanto de estilo, e muitas vezes, quando o tradutor indireto não consegue penetrar nos meandros da linguagem do autor original, ele acaba usando de circunlóquios, sem conseguir chegar à essência do texto. (Bezerra, 2020, p. 25)

Posta essa diferenciação, Bezerra trata de reconhecer também a importância de escritores e intelectuais brasileiros que, segundo ele, abriram as portas para a literatura russa. Embora justa e adequada, a deferência do tradutor dá conta de fechar a porta e sacramentar a prevalência das traduções diretas do russo no Brasil. Por outro lado, se lança também o questionamento para a presença e o reconhecimento de Ruth Guimarães neste rol daqueles e daquelas que inseriram os russos no Brasil. Assim como em sua carreira de escritora, a atuação de Guimarães como tradutora ficou apagada nas produções acadêmicas, particularmente na atualidade: “Guimarães nunca foi invisível, está certo, mas seu percurso foi invisibilizado ao longo do tempo apesar do reconhecimento inicial e o trabalho permanente como pesquisadora e tradutora” (Silva, 2022, p. 18).

A própria Ruth Guimarães reconhecia os limites de fazer traduções indiretas. Em entrevista concedida a Mário Augusto Medeiros da Silva e Janaína Damasceno Gomes, na Academia Paulista de Letras, em 2008, ela disse: ““Eu traduzi mais de cinquenta livros. E tem o meu nome lá, carimbado. Gostei muito de traduzir Dostoiévski, apesar de ser de segunda mão”” (Silva, 2022, p. 17). A ressalva feita pela escritora, marcando a origem mediada do texto, indicia sua compreensão desse movimento de transição das traduções indiretas para as diretas, sem deixar, porém, de marcar o seu lugar em um contexto anterior. Do mesmo modo, Ruth afirma-se como tradutora e reconhece a importância de ter seu nome registrado nas inúmeras obras com que trabalhou na carreira. Não parece artificioso pensar que, considerando sua trajetória, estava no horizonte a validação não só como tradutora, mas como tradutora negra.

No entanto, essa posição não ganha destaque na introdução da seleção de *Os melhores contos de F. Dostoiévski* feita por Guimarães. Esta edição, publicada pelo Círculo do Livro, contém o mesmo material da publicação da Editora Cultrix. A opção da introdução é por uma reconstituição biográfica da vida de Dostoiévski em tom de prosa poética, que traz os fatos da vida entremeados por comentários que encaminham uma leitura da obra de Dostoiévski, como nessa passagem:

Da infância transcorrida em ambiente tão taciturno e escureto do sofrer alheio e de mágoa muita, resultou que o menino virou em homem taciturno e de alma escura. Seja. Que há muitas coisas entre o céu e a terra para serem demonstradas. Seja. Que em certas almas, excepcionalmente sensíveis, tudo deixa a sua marca, como em certas plantas muito fecundas todo botão floresce e frutifica, e em certas terras fofas, muito férteis, qualquer pisada deixa rastro. (Guimarães, 1991, p. 5).

O texto da apresentação segue sem economia de adjetivos e de sonoridades. Ruth Guimarães parece querer dar à apresentação o tom solene e a envergadura que ela constata — ou o que projeto editorial impõe — na escrita do autor russo. Dessa forma, ainda que não afirme textualmente, tampouco reflita sobre a técnica da tradução, a forma de apresentar a coletânea evidencia que Ruth Guimarães concebia Dostoiévski na chave de um escritor incontestável e queria introduzi-lo segundo esse ponto de vista: um escritor com uma trajetória acidentada e improvável foi capaz de produzir uma literatura com tamanha profundidade. Pode-se presumir a partir disso também que suas escolhas tradutórias sigam por essa vereda, de dar a ver a dita poética de Dostoiévski, a qual se refere Bakhtin, em toda a grandiosidade que expunha. Sua análise, porém, não prescinde de uma visão, algo curiosa, que expressa uma formação baseada em preceitos morais:

As obras de Dostoiévski tinham já tomado aquele tom que somente se pode chamar dostoiévskiano, no sentido mais inquietante da palavra. São um conjunto de paradoxos e de personagens, das quais o que se pode dizer de mais piedoso é que são desequilibradas: casmurros, lunáticos, histéricos, maníacos, fanáticos, loucos. Ou então são monstros: a embriaguez, a mentira, o egoísmo, a vaidade, o despotismo são os seus pecados menores. Atingem no vício e no crime profundezas inimagináveis. (Guimarães, 1991, p. 12-13)

A apresentação percorre toda a obra de Dostoiévski, buscando estabelecer pontos de conexão entre os livros, os temas e a vida do autor. No texto, a própria tradutora, de certa maneira, coloca-se como fiel da balança e legitimadora da seleção de contos que fez, estabelecendo um alto grau de importância para o contato que os leitores terão com o escritor russo. De fundo, ecoa no argumento de Ruth noções que hoje já são consideradas questionáveis: como a de universalidade e, consequentemente, uma concepção de uma literatura clássica universal, que atravessaria todos os tempos e atingiria sem distinção a todas e todos. Lembre-se que Ruth Guimarães estava traduzindo indiretamente de uma língua considerada prestigiosa, o francês, como referido antes, o que pode explicar o registro assumido para introduzir Dostoiévski aos seus potenciais leitores e leitoras no Brasil.

Outro ímpeto de Ruth Guimarães para validar seu ícone russo é relacioná-lo com outras figuras que ratifiquem a posição de Dostoiévski no cenário da literatura mundial. Chama a atenção a menção a Mário de Andrade: “Mas Dostoiévski é múltiplo. Ele deveria ser trezentos

e sessenta, como esclareceu de si mesmo o nosso Mário de Andrade. Longo, longo seria o seu caminho até chegar a um” (Guimarães, 1991, p. 13). A intenção de Ruth não parece ser comparar o autor russo com o brasileiro, mas faz uma alusão que coaduna com a trajetória e os referenciais que a própria tradutora tinha, como pesquisadora do folclore, que tomou contato em algum momento com o próprio Mário de Andrade. Ao mesmo tempo, trazer um autor que já tinha status de consagração alguns anos depois de sua morte, pela grande atuação no Modernismo brasileiro, serve para reafirmar, primeiro, o valor do próprio Mário, na comparação com o grande autor russo, e vice-versa: Mário legitima a circulação de Dostoiévski no país.

3. Ruth Guimarães hoje

Chegamos a um contexto em que “as antigas narrativas já não convencem” (Silva, 2021, p. 142). O último período histórico revelou a necessidade de questionamento e de reversão das bases do sistema de exclusão perpetrado pela tríade colonialismo, capitalismo e racismo. No campo das humanidades, o trabalho de recuperação dos silenciamentos e exclusões promovidos pela ideologia dominante recoloca em nosso cenário as contribuições de mulheres, pessoas negras, indígenas, quilombolas, entre outros grupos minorizados, para a produção de saberes e conhecimentos ao longo dos séculos. Os Estudos de Tradução, invariavelmente, fazem parte desses deslocamentos, como refletem Loguercio e Silva (2020):

Assim como os antropólogos, nós, pesquisadores em Tradução, também podemos nos concentrar na relação de tradutores e intérpretes com os terrenos sensíveis da sociedade. Para nós, isso passa desde situações de mediação em meio precarizado ou minoritário, em que a hegemonia linguística coloca em desvantagem, ou mesmo risco, pessoas em situação de vulnerabilidade (jurídica, de saúde etc.) – como fazem, por exemplo, tradutores e intérpretes comunitários que atuam junto a grupos linguísticos minoritários da sociedade, como surdos, indígenas, refugiados, entre outros – até escolhas de temáticas e discursos a serem traduzidos, bem como a maneira de traduzi-los, reveladoras de tomadas de posição por parte do profissional da área. (Loguercio & Silva, 2020, p. 73)

As autoras destacam um fazer tradutório politizado e assentado nas questões mais latentes dos movimentos e transições em curso na sociedade. Da mesma forma, ampliam o escopo e complexificam o trabalho do tradutor, bem como tensionam as escolhas disponíveis para esses profissionais diante do processo social vivido. Pensar a tradução em uma mirada histórica torna-se, portanto, uma reflexão que observa diferentes perspectivas, para além de uma mera relação de transposição entre duas línguas. Assim, tanto as traduções do presente quanto as suas revisões, reavaliações e retomadas de traduções já publicadas inserem-se em

uma construção dialética entre os diferentes momentos da história. Nesse sentido, ainda no mesmo artigo, as autoras arrematam:

[...] é sensível também, para nós, o próprio status do profissional da Tradução em um país indiferente a políticas linguísticas que visem relações, interna e externamente, mais democráticas, porque mais plurais. A consequência disso é que, tanto no mundo profissional, ligado ao mercado editorial ou às agências de tradução, por exemplo, quanto no mundo acadêmico, em que os profissionais são avaliados em função de sua produção científica, tradutores e intérpretes tendem a ser minorados – afinal ainda prevalece a ideia de “reprodutores” de um discurso – e silenciados, devendo adequar-se a normas impostas por outros atores sociais (editores, agências de tradução, especialistas de outras áreas etc., estes, sim, capazes de decidir *o que e como* traduzir) como se nada tivessem a dizer sobre a produção de textos e discursos e, em última análise, sobre as trocas simbólicas que ocorrem em todo tipo de comunicação e das quais se tornam atores centrais em situação de tradução. (Loguercio & Silva, 2020, p. 73)

A discussão sobre o status da profissão empreendida por Loguercio e Silva (2020) ajuda a deslindar o apagamento de Ruth Guimarães das histórias da literatura e da tradução, bem como abre caminho para pensar o que estava em jogo e o que a autora tinha à disposição no momento histórico em que estava traduzindo. Como tradutora, Guimarães tem seus trabalhos publicados alguns anos após uma atuação significativa, por exemplo, de Rachel de Queiroz, que também traduziu indiretamente Dostoiévski no Brasil, pela Editora José Olympio, nos anos 1940. Considerando a repercussão e o panorama da literatura brasileira após o período, a discrepância dos lugares ocupados pelas duas escritoras é expressiva. Enquanto Ruth Guimarães ficou secundarizada nos anos 1960 e após, Queiroz permanece no já diminuto rol das consideradas grandes escritoras brasileiras, bem como tem seus trabalhos de tradutora, a maioria de língua inglesa, demarcados em um importante momento da história brasileira, o Estado Novo (Oliveira; Oliveira, 2008).

Se saímos da comparação entre duas mulheres e estabelecemos como parâmetro o reconhecimento de tradutores e tradutoras, a discrepância se acentua. A presença de mulheres no campo da Tradução e nos estudos acadêmicos ainda é hoje bastante secundarizada, especialmente quando se trata de espaços considerados consagrados, como é o caso de Ruth Guimarães, que traduziu Dostoiévski, tido como um escritor clássico da já desmentida “literatura universal”. Ao disputar espaço traduzindo uma língua hegemônica como o francês — e o próprio Latim —, em um contexto que as críticas a essas relações de dominação perpetradas pelos idiomas coloniais não tinham a mesma força, Guimarães inscreveu-se em um espaço de poder que não identificava as mulheres, sobretudo as negras, como intelectuais, detentoras e produtoras de conhecimentos.

Como tal, Ruth Guimarães foi uma mulher da sua época. Desde meados da década de

1940, a autora teve espaços em periódicos da época e também foi significativamente repercutida pelas pautas que levantava em torno da necessidade de afirmação de uma literatura feminina no Brasil, ao lado, inclusive, da própria Rachel de Queiroz (Silva, 2022). Sobre sua pertença étnico-racial, Ruth escreveu em jornais sobre a condição da população negra naquele momento, como recupera Silva (2022), desde uma perspectiva da negritude que hoje se revelaria ambígua, considerando o estágio atual dos estudos de raça. Guimarães tinha como imperativo a necessidade de superação do racismo sem necessariamente questionar as estruturas criadas por esse sistema de opressão para barrar negras e negros de acesso aos direitos sociais mais básicos. Ao mesmo tempo, legitimou os trabalhos de Abdias Nascimento e Solano Trindade (Silva, 2022).

Ruth Guimarães viveu e produziu em um período histórico de transição. Logo no início do século XX, nas primeiras décadas após a Abolição, as recentes experiências de liberdade da população negra despertavam ainda incertezas acerca do que seria necessário para garantir o status de cidadania almejado. Em artigo sobre a Frente Negra Brasileira (FNB) e a educação, o historiador Petrônio Domingues (2008) recupera:

Para a população negra, nesse contexto deveras adverso, ser cidadão significava ter direitos iguais – e não ser vista como inferior. Porém, diante da inclusão marginal e das práticas de discriminação racial e tratamento diferenciado em relação à população branca, a cidadania plena continuava sendo um sonho. Para transformá-lo em realidade, um grupo das “pessoas de cor” logo percebeu que era necessário unir-se e lutar coletivamente, por meio de reivindicações e projetos, pela conquista de respeito, reconhecimento, dignidade, empoderamento, participação política, emprego, educação, terra. Dessas bandeiras de luta, uma das prioritárias foi a da defesa da educação (Domingues, 2008, p. 517-518).

No artigo “Nós, os negros”, publicado em 1948, no jornal negro *Novo Horizonte*, e recuperado por Silva (2022) em seu texto sobre a trajetória da autora, Ruth Guimarães escreveu:

A questão não é pedir o favor de nos deixarem entrar seja onde for, mas conquistar o direito de entrar, sendo mais educados, mais cultos, economicamente melhor situados, e isso só se consegue melhorando o padrão de educação. E isso se conseguirá se formos mais numerosos nas escolas secundárias e superiores. Um japonês trabalha na enxada, mas põe o filho na escola e encaminha para os estudos superiores. Um preto trabalha de pedreiro e arranja um “pistolão” com um padrinho branco para que o filho entre como contínuo – parasita – numa repartição pública (Guimarães, 1948, p. 4 *apud* Silva, 2022, p. 15).

A reflexão de Guimarães, a meu ver, coaduna-se com a síntese de Domingues (2008). A educação era pauta de primeira hora para as populações negras no pós-abolição. O acesso à instrução formal, nas primeiras décadas do século XX, significava a possibilidade de ascensão

social e de afastamento do passado escravista, ainda associado diretamente às negras e negros. Com os avanços do ativismo negro, a educação seguiu na ordem do dia, mas a perspectiva reivindicatória foi transformando-se: a ascensão social e o acesso à cidadania, reivindicação da FNB, somou-se à vontade de inserção e o reconhecimento artístico-cultural-intelectual do negro na sociedade brasileira, com a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), na década de 1940. O que estava disponível para Ruth Guimarães naquele momento, então, era um ativismo negro e uma ideia de negritude em construção.

Neste milênio, a negritude como consciência política, como formula Neusa Santos Souza (2021), já está consolidada como uma afirmação. O ativismo negro, politizado e organizado, muito em função daquilo que as gerações da FNB e do TEN iniciaram, consolidou-se no questionamento constante às estruturas de poder que ainda não garantem os direitos sociais básicos à boa parte da parcela negra do país. Ao retomar as contribuições de Ruth Guimarães sob este prisma, está em jogo a recuperação da multiplicidade da atuação negra e a consolidação de sua intelectualidade, não para legitimar ou refutar, mas para reconhecer a atuação de uma mulher negra em seu período histórico e romper com o apagamento e o silenciamento impostos pelo edifício colonial, racista e misógino.

Como agente cultural e mediadora do encontro entre, pelo menos, duas línguas e seus respectivos contextos, Ruth Guimarães escreveu e traduziu a partir da formação intelectual possível para a sua realidade, como uma mulher negra, professora, mãe, habitante do interior de São Paulo:

[...] tradutores-intérpretes traduzem e interpretam sempre de um determinado lugar: um lugar de enunciação definido pela situação mais imediata em que se encontram ao produzirem enunciados e, ao mesmo tempo, pelos mais variados determinantes sócio-histórico-culturais. (Silva; Loguercio, 2021, p. 3).

Dessa maneira, pensar nas contribuições de Ruth Guimarães hoje é também um modo de examinar esses “variados determinantes sócio-histórico-culturais” a que se referem Silva e Loguercio (2021) e dimensionar como eles perpassam o fazer tradutório de Ruth e contribuem para a circulação de seu trabalho no mercado editorial brasileiro. Movimentos como esse, de recuperação e discussão das produções de mulheres negras, tal como ocorreu com Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis, têm sido significativos nos últimos anos. No caso de Ruth Guimarães, além da sua atividade como escritora, o trabalho de tradução também abre a busca pela presença das mulheres negras na tradução ao longo da história.

4. Considerações finais

Ruth Guimarães foi uma intelectual negra brasileira com significativa atuação em meados do século XX. A partir do interior de São Paulo, onde viveu boa parte da vida, ela atuou como professora e escreveu sobre o modo de vida interiorano em sua obra mais conhecida, *Água funda*. Junto disso, esteve pesquisando sobre o folclore, influenciada por Mário de Andrade e sua passagem pela USP, e também traduzindo obras diretamente do latim e do francês para o português. Em tradução indireta, Ruth traduziu a obra de Dostoiévski no Brasil em um período em que as traduções diretas ainda não ocupavam o lugar de destaque que tem hoje.

A repercussão histórica desse trabalho ficou, no entanto, secundarizada na história da literatura e da tradução brasileiras. O processo de retomada de *Água funda* é bastante recente, quando a obra ganhou uma nova edição pela Editora 34 em 2018 e, alguns anos depois, foi adotada como leitura obrigatória em concursos vestibulares, a exemplo da UFRGS. Se, como escritora, foi tardia a reflexão em torno da obra da autora, como tradutora é ainda mais escassa a atenção dada a Ruth Guimarães. Assim, este artigo buscou mapear, à guisa de notas iniciais, um pouco desta vertente de atuação, com recorte em suas traduções de russo.

Nesta incursão, verificou-se que Ruth Guimarães carregava sua atuação de certo ímpeto de validação como mulher negra, intelectual, escritora e tradutora em meio a um contexto histórico em que poucas pessoas com este perfil obtinham reconhecimento por seu trabalho. Abrem-se, assim, novos questionamentos a serem observados a partir dos elementos apontados neste texto: o alcance das traduções de Ruth Guimarães no cenário editorial, literário e político de meados do século XX; a dimensão que o trabalho tradutório tinha na carreira da autora; como suas traduções foram recebidas em detrimento de outras que já circulavam, entre outros. Ante esse cenário, fica latente que o (re)conhecimento de Ruth torna-se hoje incontornável.

Referências

BEZERRA, P. Apresentação. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Escritos da casa morta**. Tradução, apresentação e notas de Paulo Bezerra; posfácio de Konstantin Motchulski; xilogravuras de Oswaldo Goeldi. São Paulo: Editora 34, 2020.

BRANCO, S. O. MAGALHÃES, C. M. **Sobre a literatura russa em tradução no Brasil: Entrevista com Denise Regina de Sales**. Belas Infiéis, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-14, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256910>>. Acesso 06 fev. 2025.

COSTA, C. **Livros inéditos de Ruth Guimarães vão ser lançados neste ano.** Jornal da USP, São Paulo, 19 jun. 2020. Disponível em:

<<https://jornal.usp.br/cultura/livros-de-ruth-guimaraes-vao-ser-relancados-neste-ano/>>.

Acesso em 06 fev. 2025.

DOMINGUES, P. **Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação.** Rev. Bras. Educ., v. 13, n. 39, p. 517-535, 2008. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/hqBHpKJHntbrVMgJb3Fpv9M/>>. Acesso em 08 mar. 2025.

GUIMARÃES, R. **Água funda.** São Paulo: Editora 34, 2018.

GUIMARÃES, R. Os caminhos de Dostoiévski. In. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os melhores contos de F. Dostoiévski.** Tradução, seleção e introdução de Ruth Guimarães. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

LOGUERCIO, S. D.; SILVA, M. M. **Estudo exploratório: que temas são traduzidos e/ou pesquisados em cursos de tradução no Brasil?.** Cultura e Tradução, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 69-85, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/view/49179>>.

Acesso em 05 mar. 2025.

MIRANDA, F. R. **Corpo de romance de autoras negras brasileiras (1859-2006):** posse da história e colonialidade nacional confrontada. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 251 f., 2019.

OLIVEIRA, P. P.; OLIVEIRA, M. C. C. **Rachel de Queiroz e a tradução na década de 40 do século XX.** Tradução em Revista, Rio de Janeiro, n. 5, p. 1-20, 2008. Disponível em:

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=27138&numfas=11&nrseqcon=12705&NrSecao=11>. Acesso em 06 mar. 2025.

RUTH GUIMARÃES. **Literafro: o portal da Literatura Afro-Brasileira.** Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/434-ruth-guimaraes>>. Acesso em 06 fev. 2025.

SILVA, M. A. M. **Os acontecimentos de Ruth Guimarães (1920-2014): alcances e limites para uma intelectual negra em São Paulo.** Cadernos Pagu, São Paulo, n. 65, p. 1-20, 2022.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/xKKMB7mF3sKvD4xKkYmChF/>>. Acesso em 05 fev. 2025.

SILVA, J. M.. **Uma dívida jamais paga.** Echo - Rivista Interdisciplinare di Comunicazione, Bari/ITA, v. 3, p. 140-148, 2021. Disponível em:

<<http://ojs.uniba.it/index.php/eco/article/view/1300>>. Acesso em 03 mar. 2025.

SILVA, M. M.; LOGUERCIO, S. D. **Por uma formação crítica e engajada de tradutores.** Belas Infiéis, Brasília/DF, v. 10, n. 4, p. 1-24, 2021. Disponível em:

<<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/36372/31634>>. Acesso em 09 mar. 2025.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Recebido em: 18/07/2025

Aprovado em: 15/12/2025